



WUSV 2005 – Haguenau, França

Formatado

Relatório de Viagem de Eugênio Gomes

Introdução

Este documento tem como principal objetivo, transmitir a todos as pessoas envolvidas com o VPG no Brasil, sejam; treinadores, criadores, juizes, simpatizantes ou algo do gênero, as impressões, observações e sugestões, de quem participou de um Campeonato Mundial pela primeira vez.

Deve ser lido com bastante atenção e senso crítico construtivo, para que este, sirva de elemento direcionador para os nossos futuros representantes em outros Mundiais.

É imprescindível que, não tenhamos o propósito de estarmos buscando respostas e justificativas para os itens apontados como deficitários de nossa parte, fazendo disto, um fator limitador de ações.

Certamente, nenhum texto, ao meu ver, se comprara com a riqueza de detalhes proporcionada a quem tem a oportunidade de estar lá, de perto, vivenciando todos os momentos de um evento como este, mas, indubitavelmente, este documento servirá como fonte de referência para aqueles que desejam participar em outros Mundiais.

Parte I : A preparação.

Este é um dos mais importantes aspectos a serem discutidos. Ele é fundamental para quem deseja estar entre os primeiros. Vamos considerar, 11 horas de voo (no caso da Alemanha), mais 2 a 3 horas entre check-in nos aeroportos do Brasil e da Europa, o frio no porão do avião, as turbulências, a alimentação alterada, são alguns itens que necessitam de atenção e tempo para entrarem nos eixos. É na Europa, onde irá ficar o cão durante o tempo em não estiver treinando, fazendo provas ou se deslocando? Na caixa ou no canil? Comparem esta rotina no dia a dia normal de nossos cães. Ai já começa a anormalidade. Quantos de nossos cães são habituados a passarem horas durante o dia dentro de uma caixa de transportes dentro de casa?

Outro ponto; assim que o cão esteja recuperado, começaremos uma seqüência de treinos. Isto é fundamental. Neste momento, já deve ter sido providenciado um campo oficial, materiais de proteção, biombos e figurantes disponíveis para a proteção. Obstáculos (1 m e barreira de 1,80) e halteres para obediência. Local de faro e, dependendo, um marcador

auxiliar de pista, que pode ser um membro da equipe. Tudo isto deve ser providenciado com antecedência.

Com relação ao período de chegada que antecede o Campeonato, a situação é ainda mais complexa. Vamos pegar o exemplo de Haruo Masuda, 3º lugar este ano no Campeonato. Três meses antes, ele se muda para a Bélgica e começa sua preparação. Segundo suas palavras, seu cão estava muito bem fisicamente e isto o deixava bastante confiante para disputar o 1º lugar.

Agora, vamos analisar. Com a dificuldade de se conseguir apoio financeiro em nosso País, como iremos contornar esta situação? Isto é um fato. Outro. Quantos de nós temos a disponibilidade de nos ausentarmos de nossos serviços e de nossas famílias ou estudos por um período destes? Portanto, a questão não é apenas técnica. Não basta ter um bom cão e estar bem preparado. Isto é apenas o início de tudo. Ter uma boa equipe de retaguarda também é muito importante, e neste quesito, ganhamos nota 10. O nosso pessoal é “show de bola”.

E por falar em equipe, ter uma equipe de apoio ao lado dos competidores é extremamente importante. Sentimos falta de ter alguém para nos orientar com relação aos horários, os compromissos, resolver detalhes de última hora, coisas que ficam muito difíceis para quem está competindo se preocupar. Exemplo disto, a equipe dos Estados Unidos, que contavam com 2 chefes de equipe, e com as esposas de alguns competidores.

Parte II : A genética.

A consciência na melhoria genética de nossos cães é um fator primordial para estarmos futuramente entre os primeiros lugares em um Mundial. Felizmente, neste aspecto, já abrimos nossos olhos há algum tempo e temos tido bons resultados com as importações que estamos fazendo. Observei um tipo de cão bastante desejável entre os primeiros: cães médios, cabeça forte e muitos substanciosos. Temos que nos preocupar não só com o alto nível dos drives e de dureza de nossos cães, mas, com a estabilidade de nervos e a disponibilidade para o trabalho, algo que muito me impressionou.

Fiquei espantado ao ver o cão Kalle Vom Mörfelder Land, da Alemanha, com quase 8 anos de idade revistar os biombos com uma velocidade espantosa, parecia um cão de 3 anos de idade e com a performance de Gringo Von Der Mohnweise, o cão mais novo de Ronny que disputou com Christine Soneberg pela Noruega, conquistando o 9º lugar. Imaginem ele, o ano que vem, com o Ronny !!!.

O cuidado e a qualidade da alimentação destes cães, também são fatores fundamentais de sucesso.

Parte III : O treinamento.

Neste aspecto, acho que ainda temos alguns problemas a serem resolvidos. É espantoso a sincronia entre Ronny e seu figurante. Não pode haver falhas. A linha de treino deve ser respeitada. Não se treina hoje com um figurante em um determinado clube e amanhã em outro e depois de amanhã em outro. Se é neste clube que eu treino é nele que eu tenho que formar meu cão. É nesta linha de trabalho que devo acreditar. O senso de trabalho em equipe é algo muito valioso. Não se treina com 2 apenas. Em um treino poder haver 3 ou 4 trabalhando o mesmo cão.

Imaginem como estava o figurante de Ronny, um rapaz de seus trinta e poucos anos, que, andava de um lado para o outro, fumava, e trocava idéias com Christine Soneberg. Certamente, gostaria explodir de satisfação pela conquista de Eros, mas, se manteve bastante contido.

Mas nem tudo são flores por lá. Um país pequeno como à Bélgica dividido em dois. Um grupo composto por Ronny, Masuda, Emiel Dilen, entre outros e um outro grupo que fez questão de vestir um uniforme diferente, deixando assim, bem claro a divisão de linhas.

A freqüência de treino também é outro fator importante. É como Ronny disse: - Eu treino todos os dias, nem que seja para ir lá e fazer somente um senta. Aí, temos que considerar: nossa disponibilidade para isto (tempo e dinheiro) e dos membros de nosso grupo. À distância que temos a percorrer. A possibilidade de termos locais adequados para treino à noite (luz, possibilidade de cães latirem sem o incômodo da vizinhança...), materiais adequados, e a resistência psíquica de nossos cães para agüentarem este ritmo.

A criatividade também faz parte do sucesso. Exemplo disto, é a máquina utilizada por Ronny que arremessa bolinhas de tênis durante o em frente do cão.

Considerações Finais

Em primeiro lugar, acho que todo aquele que tem um propósito de treinar seu cão para competir em provas de VPG deve, em primeiro lugar, estar atualizado e conhecer o que há de melhor no esporte a nível nacional e internacional. Conhecer seu cão, suas virtudes e suas limitações. Definir qual o objetivo a ser alcançado: uma graduação apenas, um campeonato a nível local, estadual, nacional ou internacional. Identificar suas forças e suas fraquezas como treinador. Ser realista e saber se é possível contar com uma estrutura adequada para atingir a meta escolhida (disponibilidade de tempo e financeira, recursos materiais e humanos satisfatórios...) para que não se invista tempo e dinheiro em algo que não irá dar em nada.

Quantos talentos desperdiçados no Brasil nós conhecemos? Não podemos nos dar ao luxo disto. A estrada ainda é longa.

Antes de ir para a Europa, eu imaginava que os cães, em um Campeonato deste nível, não erravam exercícios. Que a disputa era apertada para todos. E não foi esta a realidade que presenciei. Vi cães deixando de sentar, de ir em frente, de levantar na distração, de não pular obstáculos, de não revistar, de não largar, de não morder..., coisas que diminuem as distâncias, porém, eu estava certo em se tratando dos primeiros. E é entre eles que queremos estar. Aí, história é outra. Vi isto a todo instante observando o semblante de Ronny, que, só relaxou, sorriu e brincou, quando foi chamado ao podium. Ali está um grande exemplo para todos nós.

Juiz de Fora, 14 de outubro de 2005.

* * *